

O idiota: o peculiar na cultura

JOÃO BATISTA LEMBI FERREIRA*

Idiota tem sua raiz na língua grega, cuja tradução direta é *peculiar*.

A palavra *peculiar* é aqui usada como acontece nos léxicos: algo muito especial e particular, definindo a pessoa. Em latim, refere-se ao pastor do rebanho, “pecus”, de onde vem pecuária. Nada, pois, como o pacóvio dos xingamentos.

É o segundo livro que Dostoiévski escreveu. Talvez autobiográfico, com ênfase no fato de ter sido diagnosticado como epilético, o que no século XIX, pelo prejuízo cognitivo, definia-se como idiotia. Tem lá umas 600 páginas de primorosa literatura, costurada aos vinte e seis anos do russo, cujo personagem principal é o príncipe Michkin. E quem é ele?

Nikolaevich Michkin é epilético, Dostoiévski usa o título idiota, no livro, com um quê de ironia. Sai de São Petersburgo para tratar-se na Suécia. Quando a pecúnia acaba, pega o trem e volta para a terra natal. No comboio, trava conhecimento com pessoas que vão reaparecer ao longo do romance. Lembra Rubião de Quincas Borba, descendo de Maria Fumaça de Barbacena para o Rio, conhecendo a bela Sophia e o esperto marido Palha – paixão e dinheiro, atravessando os enredos. Há uma fortuna na vida dos dois protagonistas, o de Dostoiévski e o de Machado de Assis. Se para o modesto professor das Minas Gerais, na passageira à sua frente, há os mais sublimes olhos, nunca dantes vistos em rosto de mulher, o epilético de retorno à pátria defronta-se com um passageiro que lhe mostra o retrato de sua pretendente, dona do olhar mais alumbrante de todas as Rússias.

* Psicanalista e Psicólogo. Formado em Teologia e em Filosofia.

Vamos ao *Idiota*. Nikolaevitch é a soma de duas figuras universais que o escritor russo conhece a fundo. Cristo, objeto de sua profunda fé e aterradoradora dúvida, Deus e homem, amorosa unidade no Verbo que se faz Carne. E Dom Quixote, o Cavaleiro da Triste Figura, filósofo e lunático a um só tempo, na mesma arrebatadora pessoa, protetor dos desamparados e desvalidos, donzelas e viúvas. Assim o príncipe é santo e pensador. Santo, a bondade lhe sobeja. Pensador, não lhe falta a palavra sábia para dirimir querelas ou dar sentido exato aos ditos disparatados. E tudo é feito com gritante sobriedade, lavrada na pureza da simplicidade. Não julga, não condena, não estranha, tudo e a todos compreende. Deveu-lhe o deboche. O que ganha com a lhanura é o desdém e o riso pelos disparates. O professor de Machado é a bondade abraçada com a paixão. A primeira o faz simplório para o gaudio dos ladinos; a segunda lhe vale o diagnóstico de louco, hoje com diagnóstico de mitomania. A origem de ambos tem no desamparo o ponto de partida, a epilepsia como sina no russo, o aparvalhamento como herança em Rubião. Os dois não usaram a condenação. O perdão era a máxima régia que vigia no coração de um e do outro. Mesmo em evidente trapaça, a compreensão comparecia para Michkin, o afeto e amor presentes na relação para com o embusteiro. Rubião não se altera com ninguém. Viaja com tudo.

Dostoiévski, epilético, conhece a pobreza, perseguido pelo amor, projeta-se no príncipe? Machado de Assis, epilético, filho de lavadeira, negro e gago, marcado pela paixão, vê-se em Rubião? Ademais, os dois escrevem a rua, vendo as vicissitudes do cotidiano, o amargo desequilíbrio da vida social, os nababos e os desabonados, sem rumo, no caos sem cais. A ilusão está nos dois grupos, o primeiro, julgando preencher o vazio com as coisas, o segundo pensando que Deus lhe dará o que lhe falta. Para ambos, a melancolia.

Se Nise da Silveira disse ter aprendido mais com Machado de Assis mais do que com Freud, talvez pudesse dizer-se que o Mestre Sigmund mais aprendeu psicanálise com Dostoiévski do que com os demais estudiosos da alma humana que consultou e com os quais conviveu.

Michkin é um lastimável fiasco. Cristo é o escandaloso fracasso da cruz. Dom Quixote, doidivano, cavalgando Rocinante, atrás de um sonho impos-

sível. Rubião sonha com esmeraldas. O autor russo foi às profundezas do abismo da existência à cata de sentido para a vida. De lá emergiu com o absurdo do tamanho do universo. Esbarrou na ânsia ontológica de preenchimento do nada e defrontou-se com um Deus como um radical vazio. O ruído mais surdo que captou do mergulho foi o da culpa, sombra do ser humano. Rubião é o impiedoso malogro da obstinação erotomaníaca a que se entrega. “*Ao vencedor, as batatas*”. Machado de Assis estampa em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, “*não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria*”.

Dostoievski e Machado descrevem a condição humana, dotada de liberdade. Se o animal pelo instinto, simplesmente vive, sem precisar de sentido, o homem carece buscá-lo dentro de si e não fora, como fica eloquentemente exposto em *Memórias do subsolo*. O homem racional vive na irracionalidade de sua liberdade. Pode eleger o mau. e. O sublime é o olhar para com esse homem que escolhe o mal, e até ser mau. Tem liberdade para fazê-lo pela maldade, pela ignorância. A angústia é muitas vezes sua mola, a insubordinação, *assim não*, surge com mais recorrência do que imaginamos. E é uma tentativa de encontrar saída. A ação como manifestação da insatisfação.

Em *Crime e castigo*, Raskólnikov mata duas mulheres para sentir a instigante experiência de praticar o crime, mesmo que acarrete castigo. Liberdade fora da razão como possibilidade única de felicidade, afirmação de pura individualidade, o que pode ser também expressão de seu desespero. A culpa é uma tentativa de reparação, tentativa insone para dar sentido ali onde nenhum sentido existe. O apelo à transcendência é um recurso extraordinário para a ordenação dos sentimentos antagônicos que borbulham a existência. A saída de Ivan, em *Os Irmãos Karamázov*, é negar a existência de Deus, inútil para a humanidade, só serve para aterrorizar as mentes. Nem por isso triunfa.

As obras de Machado de Assis, *Dom Casmurro*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Esaú e Jacó*, *Quincas Borba*, *O Conselheiro Ayres*, trabalham na mesma linha a angústia da liberdade – glória e desgraça da existência humana. Deus, uma invenção ilusória.

Se nos dias de hoje, mesmo em desuso, epilepsia soa mal, é fácil imaginar o horror do diagnóstico, no século XIX para Fiódor e Machado. O estigma os vestia de morte. Para ambos, no entanto, é possível inferir que o “grande mal” lhes proporcionava um quê de expansão da consciência, dando-lhes acesso a elevados graus de abstração, o que se logra perigosamente com o recurso a drogas lícitas e ilícitas. O russo olhou para a doença com lisonja. A abordagem da loucura nos dois antecipa com fulgor e destemor o movimento da antipsiquiatria, da luta antimanicomial. Entenderam o horror da exclusão – e reclusão – propondo, pela via da literatura, acolhimento e inclusão.

A existência é permeada pelo conflito interno em nós mesmos e pelo confronto com os outros. Compreensão, autocrítica, reparação são as possibilidades de uma vida com apaziguamento e convivência, respeito pela diferença. A ausência de tal pauta leva a guerras e dissensões. Ao contrário de navegar, “existir não é *preciso*”, é marcado por incertezas e meandros, um sentido advindo da ética do desejo, arrastando o sujeito a apostar na festa.

Fiódor Dostoievski morreu antes dos sessenta anos. A saúde frágil e a epilepsia não foram óbice à criatividade. Condenado à morte por ter participado de movimento de intelectuais contra o regime, teve a pena capital comutada pouco antes do fuzilamento. Impossível imaginar-lhe o desespero! Deportado, a gélida Sibéria seria sua casa com trabalhos forçados até voltar à liberdade. O medo e pânico da morte, os trabalhos coativos, as intempéries, a privação do ir e vir, tudo isso serviu de objeto de profunda reflexão sobre o jardim sombrio da existência, cabendo a cada um escolher – e colher – suas flores, ainda que no escuro.

Machado de Assis morreu antes de completar a sétima década. Carregou pela vida espanto e assombro.

O príncipe Michkin, o professor Rubião, se são fracassos, são também *Peculiares*, *Idiotas*, para mostrar o trágico do nosso viver sem receitas e modelos, regras e réguas, a nós cabendo escolhas pela via da liberdade, na ética do desejo. Por piores que sejam as circunstâncias, buscar em tudo, até nos erros e adversidades, um propósito, cria um sentido de viver.

O Cristianismo, em *O idiota*, ocupa várias páginas do romance, o autor certamente falando de sua indignada visão da instituição que se propôs anunciar ao mundo a “boa nova”. Era ligado à Igreja Ortodoxa Russa. Lamentava que Cristo novamente sofresse a flagelação com a deturpação de seus ensinamentos, calcados na lei do amor e no perdão. Via a Igreja Católica abraçar o amor à lei e aterrorizar a todos com a condenação eterna. O anticristo de Dostoiévski – a instituição romana, Hélio via em Paulo VI, na contramão de João XXIII.

O vazio existencial dos *Idiotas*, Nikolaevitch e Rubião, sugere enfrentamento e não medo, olhar atento à cata de preenchimento, ainda que vicário. Preencher esse vazio existencial é impossível. Ao alcance de cada um há infinitas formas. Arte e Amor, a Estética como liame, eis algo que balsama e apazigua o coração do homem. Nada melhor que amar com amor por amor do amor.

Hélio Pellegrino foi um leitor apaixonado por Fiódor Dostoiévski. Leu cedo um dos primeiros livros do jovem russo, intitulado *Gente Pobre*, escrito aos vinte e seis anos, considerado o primeiro romance social. Pela primeira vez, via-se uma história retratando a sociedade, a Rússia com a maioria da população abaixo da linha da pobreza. Os personagens são dois pobres de tudo para os quais tudo falta, e, mesmo no advento de surpresas boas, o destino da fugaz alegria desaguava na desgraça e no infortúnio. Engajado com movimentos sociais, o jovem Hélio Pellegrino apaixonou-se pelo russo, tornou-se leitor contumaz, sorveu tudo de Dostoiévski. Mas, sem considerar os extraordinários voos que fazia com os primorosos romances, transformados em ícones da literatura universal, misturando luminosa literatura com análise psicológica profunda da condição humana nos personagens escolhidos, identificava-se com Fiódor. Mais ainda, fez dele um espelho. Via-se nele. Hélio se definia como um aflito, fustigado pela cabeleira ruiva dos ventos e furacões da existência, como os mistérios da vida e da morte, o lado escuro do mundo, os segredos e venturas da sexualidade, dúvidas, desafios, arrojados e medos, descabelando a mente. Interessou-se pelas lições de abismo, todo o tempo descendo ao centro da terra da alma humana, seduzido por adentrar o coração da matéria, onde teve certeza de habi-

tar Deus. Quis experimentar a soleira da morte. Os conflitos lhe aumentaram a aflição. Buscou o casulo da análise, no divã de Iracy Doyle, sonhando metamorfoses, de fato, saindo da primeira gestação com a frase, “*livrou-me do suicídio*”. Um segundo “round” o levou a outro divã, outra escuta para seus gritos, Anna Katrin Kemper, de lá amanhecendo com a afirmação de que a interlocução “*me livrou da esquizofrenia*”.

Viveu um tempo no subsolo da clandestinidade e, quando soube que explodiriam a casa da esposa e filhos, entregou-se. Foi preso. Ele, Hélio Pellegrino, poeta, doce para com todos, até para com seus carcereiros, era *ameaça à Segurança Nacional*. Podiam desaparecer com ele, os extremistas responsabilizados, como as nefandas forças da repressão alegaram, ignomiosamente, ter acontecido com o pacífico Rubens Paiva. Quando ficou sozinho na cela, pareceu enlouquecer. Não conseguia dormir. Temeu morrer de angústia, longe da esposa e dos sete filhos. Sonhou que o matariam com sevícias, tortura, por pura perversa covardia. Chorou madrugadas.

Pode-se brincar e dizer que o poeta, literato, médico, psicanalista que de Minas veio para o Rio, reunia um pouco da humanidade de Jesus Cristo, a angústia de Dostoiévski, do Bruxo das Laranjeiras, sonhos de Dom Quixote, utopias de Francisco de Assis. Vivia em estado de paixão. Atraiu inveja, foi depreciado como profissional da saúde mental, criticado por sua forma original de manejar a abstinência. Por ter tido a sensibilidade de criar uma Clínica Social de Psicanálise, reabrindo assim, em 1973, o que fora fechado em 1938, foi intimado a retirar o nome psicanálise da revolucionária obra, “conspurado” com o social, o legado de Freud repartido para todos, não apenas para os apaniguados dos cifrões. Não recuou! Quanto à teoria freudiana, a forma simples e didática de expô-la, granjeou-lhe a pecha de superficial, embora tenha avançado, sem precedentes, com a doutrina no campo social, podendo chamar-se Patrono da Psicanálise Brasileira Socialmente Compromissada. *Pacto edípico e pacto social, Psicanálise da criminalidade brasileira*, são suficientes para testemunhar o robusto manejo que fazia da doutrina de Freud.

Foi *Peculiar, Idiota*, na alteridade, o outro como o luminoso rosto do sol. Aceitou a todos com as diferenças de cada um. Magnificava o semelhante.

Não conhecia a discriminação, e nunca olhou alguém como inimigo. “*Tudo vale a pena se alma não é pequena*”, repetia o dito de Fernando Pessoa. Foi imenso. “*A humanidade não tem cura. Cada um que se cuide, como puder*”. Simples e profundo. Profeta do Apocalipse e Anjo do Paraíso. Xingava e abraçava. Chorava e consolava. Não deixou a ninguém as batatas. Só o exemplo de grandeza.

Por fim, valor não se prova. Testemunha-se.

Morreu sorrindo!

Junho de 2026

João Batista Lembi Ferreira

jb.lembi@gmail.com

Rio de Janeiro - RJ - Brasil